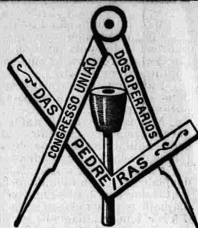
Anno II — 29 DE SETEMBRO DE 1906 — Num. 39

O CONGRESSO

ORGÃO DE PROPAGANDA DO CONGRESSO U. DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS

Redactor: MARCELLINO RAMOS

Subscripção annual 3$000 — Residencia: RUA DA QUITANDA, 78 - 2.° andar

União e Resistencia — PUBLICAÇÃO QUINZENAL REDIGIDA POR OPERARIOS — Liberdade e Justiça

«O CONGRESSO»

Avisamos a todos os nossos companheiros e collegas com quem permutamos, que a correspondencia para este periodico, deve ser dirigida a MARCELINO RAMOS, redacção do *Congresso*, Rua da Passagem n. 36—Rio de Janeiro.

A correspondencia assim dirigida nos será entregue com mais facilidade.

Todo e qualquer companheiro que se queira corresponder com a redacção ou com a directoria do CONGRESSO U. O. DAS PEDREIRAS, tambem o poderá fazer para a caixa da correspondencia, á rua da Passagem n. 36.

SECRETARIA

Prevenimos a todos os socios que a secretaria do CONGRESSO U. DOS O. DAS PEDREIRAS, está aberta todos os dias de semana das 11 horas da manhã ás 4 da tarde; e de noite só nas segundas-feiras, quartas e sabbados das 7 ás 10 horas, unicamente e para os delegados tambem está aberta na sexta-feira da semana que sae o jornal.

A REFORMA

Antecipadamente já conhecemos a opposição com que temos de nos haver ao levantarmos a questão que nos serve de titulo—*A Reforma;* mas, somos obrigados a luctar, pelo que julgamos justo e util, não nos importando com as opiniões que nos contrariem, desde que tenhamos a convicção que luctamos para o bem commum.

Em nosso meio social, a reforma impõe-se em todos os sentidos; a nossa sociedade é puramente operaria, e se nos seus principios se não podia chamar de *bem organisada*, graças ao meio atrazado em que estava o operariado desta capital, hoje é incontestavel que não está de accordo com as modernas idéas sociaes, e, segundo os accordos do Congresso Operario, ha pouco realizado nesta capital, é necessaria a reforma das nossas leis sociaes, não só no modo de administração, como na propria tactica de lucta (meios de acção), que temos de empregar para o levantamento moral e material da nossa classe.

Nestes cinco longos annos que temos de existencia associativa, quantos sacrificios despendidos, e quantas luctas travadas, e, de resultados ephemeros; quantos elementos temos perdido, desalentados pelas luctas improficuas que sustentavamos e, passado tudo isto, estamos no mesmo pé em que nos achamos ao sahir das primeiras refregas, unicas que nos deram algum resultado, por que tudo mais tem sido uma luta de guerrilhas, sem tactica, sem programma, sem preparativos, ganhando hoje em lucta renhida o que amanhã deixamos perder por apathia, falta de actividade e de acção,

Quantas gréves levadas a effeito e outros tantos desastres, tudo isto, porque? por não termos sabido preparar moralmente os animos dos nossos companheiros e por não haver cohesão de idéas na immensa engrenagem da nossa administração social.

E, o que é mais irrisorio, quanto se tem gasto em questões judiciaes, que devia ser empregado na propaganda associativa! questões que, mesmo victoriosas, nada nos têm trazido de util, porque, no mais das vezes, são provocadas pelos proprios exploradores, para assim nos desnortear do verdadeiro caminho.

Não são só estes os defeitos que a experiencia nos demonstra a qualquer hora; o nosso atrazo, a nossa falta de energia e de acção, e, tudo isto pela nossa má organização.

E' por todos estes factos, que reconhecemos quanto temos malhado em ferro frio. E' preciso, portanto, a reforma e, emquanto não moldarmos a nossa associação pelos accordos do Congresso Operario, nada adiantaremos no caminho da reivindicação dos nossos direitos, e o estacionar, equivale a retroceder.

Com que enthusiasmo vemos por toda parte o operariado levantar-se, abandonar a acção parlamentar ou politica que lhe consumia as energias, sem lhe trazer resultado algum, e abraçar o syndicalismo revolucionario, que é o meio mais apto para a emancipação economica dos trabalhadores!

Por toda parte o operario lucta constantemente, por todos os meios ao seu alcance, para a conquista de seus direitos, mas lucta mesmo, vai para as associações estudar, palestrar, evoluir emfim.

O operario que tem consciencia de seus direitos, não permitte que outros trabalhem por si, vai elle proprio procurar relacionar-se com os seus companheiros nas associações, trocar idéas, informar-se do movimento operario e, depois de passar assim algumas horas no meio de seus companheiros, vai para a officina e procura chamar á vida activa, os outros companheiros que vivem na obscuridade, incute-lhe no cerebro a luz da razão, aponta-lhe os direitos que tem, chama-o á associação, ao convivio dos seus companheiros, para que elles conheçam o que é a solidariedade e o dever que têm para com seus irmãos de martyrio,

E' assim que nós queremos a nossa Associação; queremos a reforma, porque queremos que todos luctem pelos seus direitos; queremos que todos conheçam os seus deveres; queremos animar os nossos companheires a revelarem-se contra a oppressão capitalista; a não serem as eternas ovelhas que se deixam tosquiar, sem protesto, pelos exploradores.

A nossa actual organisação está muito viciada e não satisfaz ás aspirações da classe; basta dizer, que, elege-se uma Directoria, e julga-se ter cumprido o dever por um anno; os Directores ficam com a obrigação de administrar a sociedade, melhorar a classe, defendel-a, fazer propaganda e até tornar os socios conscientes.

Ora, isto está mesmo muito ruim e não póde continuar assim.

Nas sociedades de resistencia, é questão primordial que todos os associados se interessam pelo movimento; todos tem que luctar, porque todos sendo operarios, nenhum está na obrigação de lutar pelo outro, que, por seu turno, ficaria inativo, por ter quem lucte por si.

A Directoria nada faz, nem póde fazer, em beneficio da classe; o seu dever consiste em administrar a sociedade, sem funcção de mando ou poder; ora, claro está que os associados é quem tem de agir; é só assim que se fará alguma coisa de util, do contrario, nada se faz; enquanto os nossos companheiros pensarem que os directores têm de fazer tudo e elles se deixam ficar inativos á espera desse tudo; pódem estar certos que nada fazemos.

A reforma da nossa associação, deve interessar a todos, impõe-se o mais breve possivel, afim de que todos tenham o dever de luctar pela sua emanci-pação.

A' reforma, pois, e de accordo com as resoluções do Congresso Operario.

M. R.

Pelo Mundo Operario

A GREVE NO PORTO

Noticias recebidas que alcançam até 26 de Agosto p.p., dão como terminada a luta em que se achavam empenhados os nossos companheiros das artes de construcções civis.

Não obtiveram victória material na luta que sustentaram, mas a firmeza em que se mantiveram e a orientação que seguiram fez com que se impossessem á consideração das proprias autoridades burguezas e sua imprensa que viram o valor que tem o operariado bem organisado e o proprio *governador civil* empenhou a sua palavra perante as commissões dos operarios; depois de ter conferenciado com os patrões, para que aquelles voltando ao trabalho, lhe fosse feita a justiça a que tem incontestavel direito.

Foi assim que a 21 de Agosto tudo voltou ao trabalho e foram nomeadas commissões de arbitragem para junto com as commissões dos mestres e do governador civil tornar effectivo o augmento dos salarios.

Se não foi uma victoria material como acima dissemos, foi no entanto uma grande victoria moral que para as lutas futuras é signal seguro de novas conquistas.

Ainda sobre a greve do Porto extrahimos do jornal *A Vida* de 12 de agosto, (isto é antes oito dias della terminar) as seguintes considerações:

«A' hora em que escrevemos a greve continua. Simplesmente a questão toma um aspecto novo, de molde a provocar fundas reflecções por parte de todos os militantes no movimento operario.

A intervenção d'elementos extranhos ao proletariado é já um terrivel sympthoma do estado precario das energias *grevistas*. Não quizeram os constructores agir pessoalmente, impondo a força da sua justiça e o valor das suas razões eloquentes á indifferença nos proprietarios e á capacidade dos mestres. Consentiram que no seio se desenvolvesse uma corrente passiva de desanimo e de inacção que gerou as traições revoltantes que de principio ameaçaram o exito da *greve*.

Uma vez *furáda* pela covardia e pela ignorancia de certos individuos, já pouco havia a esperar de bom para o exito da campanha. Por isso no nosso numero passado appelavamos para a solidariedade de todos os operarios da construcção civil, conscios de que só um milagroso movimento de união e de lealdade poderia ainda salvar tudo. Infelizmente não succedeu assim. Chegam-nos informes de que se trabalha em muitas construcções e pelos extractos das sessões ultimamente realizadas no seio da classe, vemos que ja se desce a discutir as promessas da Associação dos Proprietarios.....

E' o signal do fim. Quando os explorados acceitam o favor da intervenção dos exploradores, a logica é batida nas bases fundamentaes, a dignidade soffre funestos ataques.....

Depois de tanto sacrificio e de tanto esforço por parte dos bem intencionados chegou-se a obter..... promessas.

Será ao menos uma boa lição.»

Ainda no mesmo periodico *A Vida* encontremos as interessantes declarações de um membro da Federação em uma sessão a 7 de Agosto das negociações entaboladas com a Associação dos Proprietarios e expôz as *poderosas* razões expostas por esses burguezes a proposito das reclamações operarias:

Esses illustres pançudos nas suas razões acharam que os *operarios andavam calçados e iam as fetas* e por fim affirmaram ao camarada Pereira de Azevedo, representante da Federação que no Douro os operarios ganhavam 180 rs. e que arrebentavam de ricos e até compravam cordões para as mulheres.»

Ao ouvir este palavrorio dos illustres burguezes que pensariam os nossos camaradas.

BIBLIOTHECA

Por deliberação de varias assembléas, a junta administrativa, em cumprimento a essas deliberações, resolveu organizar a *Bibliotheca do Congresso União dos Operarios das Pedreiras*, já se adquiriram alguns livros e estão outros encommendados, o companheiro encarregado de a organizar, aceita qualquer escripto, (*livro ou folheto*) que os companheiros queiram offertar para a bibliotheca,

Está encarregado dessa organização o companheiro, Marcellino Ramos.

Leiam o folheto:

O QUE QUEREM OS ANARCHISTAS

Vende-se a 100 réis n'esta redacção

O MILITARISMO

Permitta-me, companheiros, que mais uma vez abuse da benevola attenção, descrevendo o meu pensar ácerca do —*O Militarismo*.

Principio por dizer-vos quanto soffre uma mãe desde o principio do geramento de um filho, até que elle, obrigado por outro homem chega a vestir a nojenta farda, e a empenhar as horrendas armas do Estado, para defender aquelles que tão covardemente o ultrajam.

Traz uma mãe em suas entranhas durante nove mezes um filho, passando todo aquelle tempo fraca e abatida, por que muitas vezes não tem recursos necessarios para se alimentar a si e ao ente querido que traz em seu seio, até que terminado esse tempo, no meio das mais cruciantes dores e com grande sacrificio o dá á luz do dia.

Durante um mez a contar desse dia, ainda a pobre mãe, recostada sobre o humilde leito, amamentando o fructo do seu ventre, continúa soffrendo, sendo obrigada muitas vezes a deixar o leito ainda sem forças, arruinando cada vez mais a sua saude, por não ter uma pessoa amiga que lhe dirija os seus labores domesticos, e outras vezes porque necessita trabalhar para angariar sustento para si e para o seu querido filhinho, pois que o misero salario do marido não é bastante para remunerar as suas despezas quotidianas.

Assim vai criando o pequenino ainda que com grande sacrificio, até que quando elle chega á idade de sete ou oito annos leva-o á matricular-se em um collegio, para que se instrúa tanto quanto for possivel aos recursos pecuniarios de seus pais; mas quando chega aos dez annos, já tem mais tres ou quatro irmãosinhos de mais tenra idade do que elle, e já seu pae então o leva ao trabalho para que com os magros vintens que possa obter auxilie o pobre pae na manutenção da já numerosa familia.

Quando porém chega á edade de desenove ou vinte annos, occasião essa em que poderia auxiliar mais regularmente seus pobres paes já cansados de fadigas e privações, é obrigado a deixal-os talvez para sempre, para ir servir um homem que o toma como se fosse um escravo.

Desde que se fez homem, talvez nunca seu pae se atrevesse a ameaçal-o com açoites e ali, nos quarteis. é elle maltratado, repellido em suas petições ou queixas, e muitas vezes açoitado.

E' encerrado nos calabouços ou presidios sem estar criminoso, unica e simplesmente por não cumprir á risca essa monstruosa disciplina militar.

Mas isto ainda não é tudo:

Chega o momento em que os seus senhores levados pela ambição e pelo orgulho declaram guerra a uma nação visinha e muitas vezes amiga,

Immediatamente são expedidas ordens a todos os quarteis, para que se preparem para a lucta.

Nos ultimos dias, antes da partida para o campo de combate, vai o desgraçado militar despedir-se de sua familia, talvez dar-lhe o ultimo adeus.

Qual não será a dor de uma mãe ao despedir-se de seu filho, daquelle por quem tantas dores e tantos martyrios soffreu, daquelle por quem tanto se sacrificou para o fazer homem, daquelle de quem agora poderia obter algum auxilio por estar já cansada pelo trabalho e fatigada pela miseria, qual não será a sua dor ao lembrar-se que talvez não volte mais ao lar paterno a acariciar seus velhos paes, e que estes não mais terão occasião de estreital-o em seus braços, unindo-o ao seu peito com aquelle amor que só pae e mãe conhecem verdadeiramente.

Mas vamos mais adiante.

Chega afinal o dia da partida.

Aquelle tão tristemente deixara a casa que lhe fôra berço, vae agora cabisbaixo e triste, opprimido com o peso da arma e dos demais utensilios militares, apertado pelas largas correias que lhe cingem o corpo, até que chegue ao campo do combate, semi-morto, vencido pela fadiga e pelo cansaço, e ainda não tem licença para descançar sem que colloque tudo o que lhe pertence na melhor ordem, e, se não o fizer assim, mesmo cansado como está, ainda é castigado, e lá vae o desgraçado cahir sobre as pedras frias do calabouço.

Vem em seguida a hora de principiar o combate, e lá vae elle encontrar-se frente a frente com um amigo, com um parente, ou com qualquer outro ente a quem elle proprio estima, e é obrigado a metter a arma á cara e desfechal-a sobre o peito daquelle a quem momentos antes apertava affectuosamente a mão em signal de amisade ou reconhecimento.

Vem em seguida uma bala, ás vezes ao acaso, e mata-o instantaneamente, sem mais o infeliz poder abraçar aquella que tanto soffreu para que elle existissse no mundo.

E isto sem que elle tenha o menor indicio de culpa.

Soffrem todos este martyrio, passam por todos estes dissabôres, emquanto que aquelles que têem toda a culpa, ficam dentro dos seus sumptuosos palacios, recostados sobre os melhores estofos de seda e carmezim, ostentando a sua opulencia entre os maiores esplendores da vida, esperando anciadamente que lhe chegue uma noticia de que os seus escravos alcançaram uma victoria, para que possam collocar mais uma medalha ao peito que lhe asseie o execrando e nojento vestuario, e sem para isso ter feito o menor sacrificio.

E nem sequer lhes passa pela imaginação que o seu exercito, (como elles lhe chamam) pode ser derrotado, e que em vez de se tornar vencedores ficarão vencidos: Tal é a ambição de que estão possuidos.

Quando porém lhe chega por casa a noticia de que parte do seu exercito pereceu, ficam de tal forma encolerisados que (suponho eu) dos seus olhos fuzilarão relampagos de ira, e passam-lhe pela fronte immensos clarões de furia, tornão-se mais ferozes do que as que habitam as mattas.

Se do combate escaparam alguns soldados, aquelles que se poderam salvar, a esses desterram-nos para as prisões mais horrorosas, para ahi perecerem no campo da batalha.

Taes são as covardias que praticam aquelles que se dizem representantes do povo, e que lhe fazem mil prometimentos falsos quando necessitam occupar-se de seu braço.

Deveis pois—ó mães ou paes—incutir nos cerebros de vossos filhos, todos os martyrios que elles passaram, quando forem obrigados a ir defender os reis, os presidentes, ou os imperadores, se elles não reagirem, se não se associarem uns aos outros, para poder resistir contra aquelles que o expõem á morte para lhe salvar a vida, e para lhe engrandecer o titulo que tão ignominiosamente querem usar.

Deveis fazer-lhes conhecer que a todos nós assiste o direito á vida, para que pensem em associar-se, em unir-se uns aos outros, para que quando os queiram obrigar a irem defender immerecidamente a vida d'aquelles que a todo o momento nos aviltam, que possam gritar bem alto: Para traz bandidos; já basta de escravidão; declarasteis a guerra ao vosso visinho, ide combatter com elle, e assim sabereis qnal de vós é o mais valente, e bem assim a quem pertence a victoria; não podemos por mais tempo ser vossos escravos; ide—vós.

J. F. S.

EMPREITADA OU JORNAL

Alguem ousou censurar o auctor destas linhas, por este declarar ao gerente de certa officina, que podia pôr os operarios a trabalhar de jornal quando quizesse. Lamento quem assim pensa e lamento-os principalmente por não admittir ao menos que qualquer individuo proceda de accordo, com os seus principios quando esses são rasoaveis.

Eu disse, ao tal gerente que puzesse a officina a jornal, e que era para quem servisse, quem assim não quizesse que procurasse a sua conveniencia; nada mais natural; eu não podia dizer o contrario porque seria contra a minha propria opinião, e eu procuro sempre agir de accordo com o meu modo de pensar, seria irrisorio e até condemnavel se fizesse o contrario.

Affirmo aos meus companheiros, que sustento o trabalho a jornal, hei-de propagal-o, defendel-o, e aconselharei sempre, a qualquer industrial que me consultar a esse respeito, a que ponha os operarios de jornal; que me importa contrariar os meus companheiros, desde que esteja de accordo com o meu modo de pensar, e tenha provas que penso pelo direito? nada! apenas lastimo que o trabalho de jornal não seja uma conquista nossa, e sim uma offerta dos patrões; o meu intuito era nós impor esse systema de trabalho por ser o mais racional, mais social, mais hygienico, mais saudavel e até mais artistico.

Não ha, em todo mundo operario, quem com consciencia o não reconheça; em todos os Congressos Operarios, em todas as associações, tem sido condemnado o trabalho de empreitada, e affirmado o de jornal que por toda as formas tem sido aconselhado ao operariado universal.

Não vou mais longe, cito aos companheiros a luta constante dos nossos irmãos da cidade do Porto contra as empreitadas; isto devia ter-lhe servido de exemplo.

Já disse que era meu intuito impor, mas já que isso não acontesse eu aplaudo qualquer patrão que o faça voluntariamente.

⁂

Deixando de parte o que acima citei, tenho a dizer aos companheiros que, a nossa sociedade, apesar de muito ter agitado o asssumpto, ainda não pode resolver esta questão de trabalho a jornal ou empreitada; se os companheiros que conhecem o movimento associativo, tem feito tentativas nesse sentido e sabem que está de accordo com o movimento operario; estão impossibilitados de o executar, ou ao menos de o tornar como o principio das condições de trabalho, porque esbarra sempre com a immensa maioria dos que só vê os seus interesses e não se importam com os da collectividade.

E' certo que isso já devia estar traçado, mas para o fazer era necessario que a classe se reunisse ao menos tres partes e o resolvessem unanimimente; mas isso não acontece porque como já disse a maioria não se preocupa com a situação economica da collectividade tratam cada um de si.

Nesta conformidade, estão livres as condições de trabalho até a presente data, em nossa classe; cada um póde trabalhar como quizer, *de empreitada*, *de jornal*, *biscateando*, *mestreando*, de todas as fórmas, emfim, está em condições para todos *os gostos*.

Mas não se illudam os compapanheiros: assim como está nessas condições para os operarios, tambem o está para os mestres ou patrões.

Emquanto nós, isto é, a associação, não resolver que o trabalho seja de empreitada ou de jornal (das duas, uma), tambem não se póde impôr ao industrial esta ou aquella fórma de trabalho.

A sociedade não póde apoiar uma imposição em uma officina para que se trabalhe de jornal, mas tambem não póde apoiar para se trabalhar de empreitada.

Emquanto nós não estabelecermos um regulamento, approvado por toda a classe para esse fim (quero dizer, empreitada ou jornal) os patrões podem fazer o que entenderem e quizerem, estão no seu direito; nós não podemos impôr a estes para que tenha officina de jornal e áquelle, para que a tenha por empreitada, etc.; isto seria uma incoherencia imperdoavel.

Está, como já dissemos, ao gosto de todos: quem não quizer de jornal procure de empreitada ou, quem não quizer de empreitada, procure de jornal; quem não quizer de forma alguma, tambem não é obrigado, salvo se o fôr pela necessidade, que é o que nós mais temos. O que não podemos admittir, é que os companheiros de uma officina queiram impor, ao seu mestre, uma obrigação que os outros mestres não tenham, e a Sociedade não póde, de fórma alguma, apoiar imposições para trabalhar de empreitada, por que isso vai de encontro aos fins a que se propõem todas as organisações operarias.

MARCELLINO RAMOS.

DECLARAÇÕES

No ultimo numero dissemos que publicaria-mos em sessão especial o nome dos companheiros que deixaram de pagar sem motivo justificado o se atrazaram em mais de tres mezes; porém é preciso explicar mais o assumpto.

Nós seriamos incapazes de publicar o nome dos companheiros que embora atrasados em pagamento de mensalidades, estão contudo contribuindo todos os mezes, a esses apenas fazemos um apello para se quitarem afim de estar no goso de seus direitos.

Para o *rol dos caloteiros* so irão aquelles que se recuzam a pagar ao cobrabor e são os seus recibos archivados.

Admira-nos no entanto que muitos companheiros se atrazem dizendo: *que não podem pagar este mez, que pagão para o outro* e assim vão passando com estas desculpas uns mezes atraz de outros; nós admira-nos isto porque em outro tempo que se ganhava muito menos que agora e até se trabalhava ás vezes sô quinze dias cada mez e os companheiros tinham sempre 2$000 para pagar a mensalidade, e hoje é o que se vê, ganhando o duplo não se envergonham de dizer, *que não lhe fica dinheiro nenhum e que não podem pagar*; que infelicidade!

Mais um pouco de amor á associação companheiros, 2$000 não é nada para o que vós gastaes, em orgias em pandegas, no jogo e muitos mais coisas que só vos arruinam a saude.

Lembrai-vos que a vossa mensalidade, com ser a redicularia de 2$000 é contudo um vago do vosso suor que melhor empregaes.

Companheiros poupai-nos a tarefa ingrata de ter de publicar o vosso nome na sessão dos maos pagadores.

—

Recebendo-se de vez emquando na secretaria queixas, reclamações e pedidos de soccorro, as mais das vezes de companheiros com grande debito com a thesouraria do Congresso.

Avisamos os companheiros que só está no goso das regalias sociaes o socio que paga pontualmente a sua mensalidade e quando tiver reclamação ou queixa a fazer acompanhal-a com o recibo de quitação.

Não se attende a reclamações de socios que estejam atrazados em mais de tres mezes embora se quitem na occasião de reclamar como já tem acontecido; isto é necessario por que ha socios que se nunca precisar reclamar protecção ou soccorro nunca pagam em dia e até se atraza em muitos mezes.

Isto vem ao caso de companheiros haver que só se lembra do Congresso quando estão com a corda na garganta.

E' necessario que se pague todos os mezes a quota e mesmo é mais favoravel ao socio.

CONGRESSO UNIÃO DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS

ASSEMBLEA GERAL

Convite—De ordem da junta administrativa, são convidados todos os socios quites a reunirem-se em assembléa geral hoje 29 de setembro ás 7 horas da noite, na séde social á rua da Quitanda 78, 2 andar para resolver a seguinte ORDEM DO DIA.

1·—Leitura e approvação da acta da sessão anterior.

2·—Resolver sobre a mudança da séde social para logar mais conveniente e aonde seja mais frequentada pelos associados.

3·—Resolver sobre um officio do Sr. Bernardo Rodrigues, relativo ás multas applicadas aos cooperativistas do Matacão.

4·—Leitura dos estatutos da Federação Operaria do Rio de Janeiro e nomear dois delegados á mesma e um á Confederação.

5·—Bem social.

Francisco da Silva Gabriel.
1· SECRETARIO

Nota: Todos os socios devem vir munidos com o seu recibo de julho ou agosto sem o qual não pódem tomar parte na discussão e votação dos assumptos.

CANALHISMO OU TRAIÇÃO

No nosso ultimo numero, em um artigo com o titulo acima, chamavamos a attenção dos companheiros da officina dos Srs. Oliveira e Marques sobre uma accusação que estes senhores faziam de não dar trabalho a certo operario porque os outros se oppunham.

Era nosso intuito com aquella publicação, fazer com que os operarios mostrassem um pouco de dignidade, affirmando que não se oppunham e fazendo sentir ao mestre que usasse de outros meios e que os não comprometesse; mas dignidade e caracter são coisas que elles desconhecem totalmente.

Nós, longe de os odiar, pelo contrario lastimamol-os, e elles são dignos de lastima, senão vejam: nós, vendo que elles não davam signal de si, procuremos informar-nos das opiniões e cheguemos á conclusão que elles não se oppuseram (e se opposição houve, foi de um ou dois unicamente), mas com medo de desagradar ao encarregado (o inventor desta opposição), acceitaram o papel de opposicionistas. Que infelizes! Se o encarregado quizer fazer delles capachos, elles, para o não desagradar e não perder a *mâma*, tudo acceitam; é por isso que os lastimamos e fazemos votos para que um dia elles se levantem e cheguem a ser homens capazes ao menos de defender a sua dignidade, já que não sabem defender-se agora de uma vil accusação, forjada no cerebro de um individuo que, para exercer as suas miseras vinganças, se aproveita delles para livrar-se da responsabilidade, pensando assim fugir ao ajuste de contas que os seus actos requerem.

De resto, com os patrões e encarregado nada temos, conhecemos o papel farçante que representam nessa comedia e que foi inutil e era desnecessario se elles fossem homens.

Ao mestre Oliveira, que tanto procura esquivar-se do convivio dos operarios, a quem tem odio rancoroso, admiramos prestar-se a estas confabulações de vinganças vergonhosas.

Do encarregado, nada nos admira, porque de homens educados em principios retrogados e hypocritas e que desprezam as idéas modernas, sem as conhecer ao menos, não se póde esperar outra coisa.

Todo o individuo que tenha commetido um erro proposital, dá a conhecer o seu máu proceder facilmente; ora nós nem de leve offendemos o encarregado no artigo do numero passado; mas elle não pensou assim, julgou-se offendido e começou logo a dar a entender que era o unico causador do operario não ter trabalho.

Nós nada diriamos, se quando pediram trabalho a esse encarregado, elle respondesse da seguinte fórma: « *Não lhe dou trabalho porque não quero, porque elle me insultou ha annos, quando eu lhe fiz uma injustiça e o considerava como criança, por isso mesmo póde procurar por outro lado, porque aqui não tem.* » Isto, além de

ser odioso, era comtudo franqueza e era ser positivo, e o operario trataria de outra vida, sem perder quinze dias á espera, como perdeu.

Mas o Sr. encarregado usou de subterfugios vergonhosos; a principio disse (como quem finge de muito boa pessoa) que sim, que não se lembrava do passado, por vontade delle que lhe dava trabalho, que fosse falar com o mestre; depois, falando-se com o mestre, este disse que o que o encarregado fizesse estava bem; o encarregado havia dito que tinha dois á espera, etc.; passados tempos, o mestre, illudido pelo encarregado, diz que não, porque os operarios faziam imposição nesse sentido. Ora os operarios nada sabiam do que se tratava; e quando sahiu o ultimo jornal, o encarregado julgou-se offendido sem motivo, mas prevendo em que situação estava collocado, foi para a beira dos operarios lastimar-se que não déra trabalho por o tal operario não se dar com este e aquelle, e que agora o jornal falava daquella fórma.

Confessou assim que elle proprio se constituira procurador deste ou aquelle que não se *dava* com o citado operario, para em nome desses fazer opposição, e assim vingar-se e fazer com que o operario perdesse quinze dias sem necessidade.

Sentimos deveras este proceder do encarregado, que demonstrou ser um individuo reaccionario e rancoroso, mas não o odiamos, pelo contrario folgariamos que se regenerasse e procedesse como homem de caracter e não como um *troca tintas*.

Teriamos muito que lhe dizer sobre a sua acção no nosso meio, mas para que não pense que o diriamos por inimizades particulares, que sobre tudo não lhe temos, em ponto algum, porque toda a nossa divergencia de opiniões é social e não particular, ficamos por aqui para evitar complicações.

M. R.

A COLLECTA PARA A GREVE DO PORTO

O ultimo numero do *Constructor Civil* do Porto traz inserta na sessão da commissão de melhoramentos dos Pedreiros Portuenses que receberam do Rio de Janeiro a quantia de 150$000 para auxilio á greve.

Somos obrigados a declarar aos companheiros que por força houve engano na redacção do *Constructor* pois que o dinheiro que se mandou por telegramma a 27 de agosto foram 180$000 e foi essa a quantia paga á dita commissão; pois temos o recibo do banco e no mesmo banco já está a lettra assignada e com o carimbo dos Pedreiros Portuenses.

O NOSSO APPELLO

A concurrencia a reunião por nós iniciada para 15 do corrente excedeu a nossa espectativa.

Os companheiros acudiram em grande numero ao local aonde se effectuou a reunião, e exposto nesta os motivos da mesma foi tudo amplamente discutido e as resoluções tomadas satisfizeram todos os companheiros pois que na assembléa de 22 de iniciativa da dita reunião houve a mesma concurrencia e foi organizada a administração do Congresso U. dos O. das Pedreiras.

A JUNTA ADMINISTRATIVA

Tendo na assembléa de 22 do corrente renunciado os seus cargos os companheiros Affonso Gomes, Joaquim Ferreira dos Santos e Manoel Vicente Ferreira, que exerciam as funcções de presidente, 1º secretario e procurador na mesma junta.

A assembléa acceitou estas demissões e nomeou para essas vagas os companheiros Joaquim Teixeira Medalhas, Francisco da Silva Gabriel e Manoel da Silva Gamelleiro.

Fazemos votos para que os novos directores que tem a seu cargo a administração até o fim do anno sejam felizes na sua missão.

PELAS OFFICINAS

No Uruguay

Escreve-nos o delegado desta officina dizendo serem falsas as informações publicadas no numero passado, e citando varias accusações ao companheiro ferreiro, dando-o como culpado de certos abusos, e explicando o caso passado com o companheiro Manoel da Silva.

Nós, pelo facto de não estar bem ao par do que de razão existe de parte a parte e não o podendo avaliar pessoalmente, limitamo-nos por isso a não fazer mais commentarios a respeito e mesmo porque questões pessoaes não nos interessam.

No Pysandú

RECEBIDO A COUCES

Um dia desta semana, o nosso companheiro Affonso Gomes foi á officina de um tal *José da Silva* communicar ter liquidado a questão da fuga Martins Feital e que, tendo já pago aos operarios, só esperava receber uma conta que ao mesmo devia o Sr. Fidalgo para poder pagar parte das imaginarias contas que o Sr. Silva apresentou.

Qual não foi, porém, a surpresa do nosso companheiro ao *ser recebido a couces* pela humana figura do irracional José da Silva, o muito civilizado mestre da rua Puysandú! Livra!

O nosso camarada Affonso ficou attonito e respondeu-lhe apenas que tinha tratado no mundo com muitos ignorantes, mas que com um animal tão mal domesticado era a primeira vez; e virou-lhe as costas.

Nova officina

Da extincta *cooperativa* do Matação, acaba de surgir uma nova officina, que ainda não foi baptisada mas que nós, se não fosse a repugnancia que votamos a actos religiosos, a baptisariamos com o nome de— *Cooperativa dos Espertalhões*.

Alguns *cooperativistas* ficaram com a bocca torta pelo uso do cachimbo, digo: repugnava-lhes vir agora para o meio dos explorados amargar o magro salario, e atiraram-se á organisação de uma commandita, fazendo parte della alguns que entraram de novo.

Nós agora nada temos que dizer a respeito desta officina, o que para nós, acha-se nas mesmas alturas que as outras, desde que respeite as resoluções do Congresso, e quando o não façam assim, cá estamos nós, e depois não se queixem.

Julgamos que o Congresso, em proxima assembléa, declarará livre aos associados a nova officina, mas é necessario que todos que trabalharam na officina cooperativa do Matacão, desde Junho de 1905 até a assembléa geral proxima, dêem satisfação aos seus compromissos de multas e recibos, do contrario, em qualquer época terão que ajustar contas.

SUBSCRIPÇÃO VOLUNTARIA
de O CONGRESSO

CORRESPONDENTE A MAIO DE 1906

Officina da Urca:

Avelino de Castro, José Francisco de Souza, Procopio Leite, Joaquim Ferreira Martins, Joaquim Cunha, Antonio Ferreira Martins, José de Almeida Tavares, João Mendes, Antonio Rodrigues, Manoel Francisco de Oliveira, Manoel José Pires, Manoel Leites, Theotonio José de Souza, Joaquim Marques Seabra, Joaquim Antonio Guilherme, Manoel Marques, José da Silva Loureiro, Luciano Moreira, Manoel Rodrigues, Joaquim da Silva Pereira, José Ferreira da Silva, Manoel Alves de Carvalho, Americo da Silva, Manoel de Oliveira Marques, João Martins Campanhã, Manoel da Costa, Antonio Pereira 3º, Manoel Ramiro, Florencio de Oliveira, Nicolau Antonio Pereira, José da Costa, Francisco José da Silva, José Pereira da Silva, Bernardino de Castro, Antonio Gomes, Antonio Coelho, Manoel Gomes, João de Oliveira, José de Oliveira, Domingos José da Costa, Manoel José da Costa, Alberto Loureiro, Julio da Silva, Rufino Raymundo, Manoel Correia, Antonio Caetano de Almeida, Domingos M. Seabra, José Pereira da Silva, Manoel Fernandes Pereira, João Nartins do Castro, Justino Ferreira, Claudino Perpetua, Florindo Feital, Antonio Martins, Manoel Dutra Gonçalves, Arthur de Carvalho, José Carneiro, Antonio Sebrosa, João Perpetua, Illidio de Araujo, Manoel Sebrosa, Sebastião Rosas, Antonio Barbosa (carpinteiro), Antonio da Silva Abreu, Manoel Francisco de Oliveira e Manoel Marques, **cada um 1$000**. Somma: **66$000.**

Officina de Moreira & Duarte:

Francisco Domingos, Seraphim Rodrigues, Antonio Gonçalves, Antonio Ferreira, Joaquim Machado, Seraphim F. Ferreira, Antonio Gomes, João Ribeiro, Domingos Gamelleiro, Antonio da Silva Santos, Manoel Rodrigues 3º, Antonio Pereira, Domingos Teixeira, Joaquim Pinto da Rocha, Josê Bernardino, Manoel Antonio dos Santos, Antonio Bastos, Alvaro Bernardino Barbosa, Manoel João Pereira, Joaquim Teixeira, Antonio de Almeida, Seraphim F. Marques, Manoel Ferreira, Seraphim Duarte, Antonio da Silva 2º, Antonio José dos Santos, José Monteiro dos Santos, Joaquim Bernardo, Antonio Moreira Martins, Custodio Marques, Antonio Manoel Ferreira, Sabino Ribeiro José Canastra, Adelino Fernandes, Bernardino da Silva, Albino Bento, Alberto Vieira, Antonio da Silva Santos e Damião, **cada um 1$000;** Lourenço de Mello **3$500** Somma: **42$000.**

Officina do Sr. Jannuzzi:

Ignacio Casal, Joaquim Antonio dos Santos, Eduardo Gomes, Albino de Souza Ramalho, João Gonçalves de Queiroz, Manoel José de Amorim, Joaquim Pinto da Motta, Nair Escobar, Albino Gomes, Manoel Fernandes, Albino Domingos, Manoel Rodrigues, José Barbosa, Antonio dos Santos, Antonio do Amorim, João da Silva Neves, Joaquim Moreira Dias, Domingos Adriano, Bernardino Palma, Francisco de Araujo, Avelino de Oliveira, João Teixeira, Manoel Tavares, Joaquim de Souza Rodrigues, Joaquim Vicente da Silva e Albino da Silva Carvalho, **cada um 1$**; Miguel Francisco da Silva, **3$**. Somma: **29$000.**

Officina do S. Penetra:

Joaquim Maia, José Dias, Antonio Motta, Manoel Correia dos Santos, Joaquim de Souza, José Cerqueira, Albino Motta, Joaquim Rodrigues da Costa, Alvaro Dias Duarte, José Gonçalves, João Veiga, José Pereira Soares, Alberto Moreira Gomes, Antonio P. Mineiro, Julio Moreira Gomes, Antonio Pereira, Albino Gonçalves, José Pereira, Antonio Gonçalves; **cada um 1$**. Somma: **19$000.**

Officina de Joaquim Teixeira & C.

Joaquim da Silva, Seraphim Pereira, Joaquim Moreira, Alvaro Joaquim Carlos, David da Silva, Antonio de Souza Baptista Clemente Vieira, Joaquim Barão, Isidro Gomes da Costa, Joaquim da Costa, Joaquim de Souza Baptista, José da Silva Gamelleiro, Joaquim de Carvalho, Geraldo Borges, Antonio Reis, Manoel Joaquim Soares, José Domingos Lourenço, Francisco Ferreira, Albino Queiroz, Domingos Machado; **cada um 1$**. Bernardo Rodrigues **2$500**. Arthur Alves Lobo **1$500;** Joaquim da Costa, Joaquim da Silva Pereira e José Tavares **3$ cada um;** Albino da Silva, Albino José da Silva eDomingos da Costa **3$500 cada um.** Somma: **43$500.**

Cooperativa Industrial de Pedreiros.

Manoel Pereira da Silva 3º, José Francisco da Rocha, José de Souza Soares, Albino José da Silva, Antonio Ventura 2º, José Antonio da Silva, Albino dos Santos, Manoel da Silva Santos, Rodrigo Pereira da Silva, Rodrigo Pereira da Silva, Antonio Carvalho Junior, Antonio Martins de Araujo, Antonio Ribeiro da Silva, Victorino da Costa, José Martins, Antonio Seabra Joaquim Reis; **cada um 1$**; Albino Joaquim. Antonio Duarte Pereira, Clemente Teixeira, Antonio de Souza Dias **cada um 2$.** José dos Santos, Antonio Gaspar, Joaquim Monteiro da Rocha, José Gonçalves da Silva Albino da Silʌa Maia, Albino Francisco Gomes, Marcellino da Costa, Manoel Gonçalves da Silva, Abel de Almeida; **cada um 3$.** Somma: **81$000.**

Officina de Joaquim Luiz. Praia da Saudade.

Manoel da Fonseca, Antonio dos Santos Canellas, Romão Ferbida, Joaquim Pereira Damas, Joaquim Cardoso, José Lopes, José Francisco Pereira, Joaquim Franeisco, Francisco Marques, Joaquim Marques, Antonio Pereira 2º, Antonio de Castro, Seraphim da Costa, Joaquim Teixeira Medalhas, Manoel Gomes Vieira, Augusto Tavares, Joaquim Rodrigues Firmino, Augusto Pereira da Costa, Manoel Vieira Junior, Manoel Beiro, Antonio Ferreira Monteiro; **cada um 1$.** Francisco da Silva **2$.** Somma: **23$000.**

Officina do Sr. Oliveira & Marques.

Jacintho Cunha. Augusto de Oliveira Branco, João Pereira Loureiro, Luiz de Souza Santos, José Soares de Oliveira; Antonio Henrique, Antonio de Oliveira Branco, Luiz Manoel Pires, Francisco da Silva Branco, José Pereira de Araujo, Antonio da Silva, Manoel da Silva Gomes, José Ferreira Canastra, Henrrique Alves Castanheiro; **cada um 1$.** Somma: **14$000.**

Officina do Dr. Roxo.

Manoel Garcia. Perfeito Vidal, Manoel Sieiro, José Rodrigues, Gaudencio Cardoso Correia, Alfredo Teixeira, José Vieira Novo, Nemesio Taboada, Paulino Gonçaves

---

— Basta, senhora! Para matar-me não é preciso tanto!

Recuou dois passos, e accrescentou com a mais amarga ironia:

— Dizeis bem: a vossa posição na sociedade em que viveis, não póde consentir neste amor desgraçado... Amor desgraçado, senhora, é aquelle que essa fidalguia de seductores espalha frequentemente pelas filhas do povo e da burguezia, porque, valendo-se da fraqueza dessas loucas creanças seduzem-nas e deitam-nas no caminho da perdição! Amor desgraçado é aquelle que se procura pelo ouro; o da filha que um pai sacrifica aos caprichos de um velho, só porque esse velho possue muito ouro, e póde trazer a esposa em grande luxo e livrar o pae de uma bancarrota! Ah! senhora, pensai bem no que acabastes de dizer! Oxalá que não chegueis a saber o que seja amor desgraçado. Contudo, não esqueçais nunca que a verdadeira felicidade só se póde encontrar no amor puro e verdadeiro de dois jovens que se amam!... E já que vou retirar-me com o coração despedaçado pela dor, permitti que vos recorde algumas palavras que os vossos labios infantis proferiram em outro tempo. O tempo collocou-nos a par um do outro; nascemos quasi um quando ao outro, e o mesmo sol que vivificou o meu espirito foi o mesmo que animou o vosso. O destino collocou-nos, portanto, em frente um do outro. Eu era então uma creança, e tinha junto de mim outra creança que me chamava de irmão; eu dei-lhe o nome de irmã, porque a amava de todo o meu coração. Pois bem, eu não vivia senão para essa irmã, quando ella ria, eu offerecia-lhe flores, quando ella chorava, eu offerecia-lhe a minha triste alegria. Quando ella

Parece-me que meu pae é bem teu amigo!

— Sim, não contesto isso, querida Albertina; mas, has de confessar que teu pae não póde ver-me com bons olhos junto de ti! Oh! se elle soubesse que vinha aqui!

— Que mal lhe pódes fazer com isso? Não andavamos nós a brincar quando tinhamos oito annos? E comtudo, elle não se estimulava com isso...

— E' verdade, querida Albertina, mas agora os tempos são outros. E, como disse um dos nossos melhores classicos: «Mudam os tempos, mudam os corações», se os laços da infancia nos attrahiam e faziam com que nos tributassemos um amor reciproco, hoje os laços de amisade pode conduzir-nos ao Hymineu!

Estas palavras ruborisaram mais as faces da donzella, e após uma pequena pausa, disse ella:

— Ah! meu pobre Alice, devias ter me esquecido... Entre nós levantou-se uma distancia infinita!

— Um obstaculo invencivel ..

— Sim.

— Enganas-te. minha flor. Entre nós nem ha distancias nem obstaculos invenciveis. O amor, o verdadeiro amor, tudo vence, tudo subjuga! Ah! querida Albertina, se soubesses o que hei soffrido desde que teu cruel pae nos separou! Que mal lhe fizemos nós, inconscientes creanças, para nos tratar com tanto rigor? porque, minha Albertina, creio bem que essa separação foi tambem para ti um golpe profundo?

— Pois sim, Alice, mas devias ter esquecido esse tempo. Eramos creanças...

— Mas as creanças tambem se amam, e esse amor é o mais puro amor que jámais póde encontrar-se em co-

Pereira, Secundino Leiro Rosso, Saturnino Valinhas, Jesus Varella, Francisco Garcia, José Peres, José Luiz Vaz, Pinheiro Ferreira Mendes, José Vieira, Joaquim Pebeira, Marcellino Campos, José Ribeiro, José Martins, Paulino Nunes, Adolpho Ribeiro, Manoel dos Santos, José Domingos, Manoel Bernardo Ferreira; **cada um 1$**. Somma: **26$000.**

Antiga Officina do Caes.

Feliciano Fernandes, Albino de Almeida, Francisco Moreira da Silva, Americo da Silva, Narciso Barbosa, Manoel Ribeiro, Joaquim Romão, Albino Monteiro Salvador, Manoel Maia, Antonio Moreira, Floriano Dias, Domingos Moreira, Angelo Soares, Augusto Dias, Antonio Domingos, Manoel Gonçalves, Silverio Lopes dos Santos, Victorino Mendes, José Fernandes, Eugenio Malvar e Delphino Antonio Dias; **cada um 1$**. Somma: **21$000.**

Officina de Sant'Anna.

José Pereira de Araujo, Gaudencio Antonio da Rocha, Augusto da Silva Martins, José Gaspar, Defensor Calvario, José Rodrigues, Bartolomeu de Almeida, Manoel Moreira da Silva, Manoel Pacheco, Antonio Cardoso, José Lopes, Antonio José Rebouças, Manoel Gomes 2º, Joaquim Moreira da Silva, Antonio Taveira, Joaquim Antonio Cardoso, Francisco Lopes Ramalho, José Gomes, João Ferreira, Antonio Pereira da Silva, Manoel Carlos, João da Silva 2, Antonio da Silva Monteiro, Antonio José de Andrada, Antonio José de Castro, Joaquim Lopes da Costa, João Gil Soares, **cada um 1$**; Ventura Ferreira Gomes, 2$. Somma: **29$000.**

Officina de S. Diogo (Estrada):

Joaquim Loureiro, Antonio Rodrigues Pinto, Antonio Peleiteiro, Adelino de Souza Antonio Vidal Martinez, Francisco de Souza Loureiro, Joaquim da Silva Moreira, Antonio Dias Pacheco, Antonio Ferreira Lima, José Marinho, José Lino da Silva, Justino Gomes da Silva, Lauriano Justo, José de Castro, Manoel Taboada, Manoel Martinez, Gabriel Iglesias, Antonio Bento Gomes, José Martinez, Daniel Gulias, José de Castro, Manoel Fernandes da Silva, José Perfeito Simal, Antonio da Silva Vallinha, Joaquim Gomes, Ignacio Garcia, Affonso Gomes, Jacintho de Souza Loureiro, Zulmiro Soares Magalhães, Manoel Aldir, Manoel Senra, Tomassoni Humberto, Bento Rodrigues, Manoel Real, Antonio da Cunha Gonçalves, José Bento Caldellas, Antonio Torres, Adelino Gonçalves Pereira, Domingos da Silva Aral, Miguel Villaboa, José Tourinho, Antonio Pacheco, Manoel de Souza, José Rodrigues da Silva, **cada um 1$**; Manoel de Souza Ferreira, **1$500**; João Manoel Pereira (Raiz do Monte) **2$**; Joaquim Custodio Ferreira, **2$**. Somma: **49$500.**

Officina de S. Diogo (Mangue):

José Garrido, Castor Duram, José Pereira, João Luiz Gomes, **cada um 1$**. Somma: **4$.**

Officina de Alves (Rua Bento Lisboa):

Ignacio Gomes da Silva, Francisco Alves Peneda, Bernardino Lopes, Roco Carme, Paulino Alves de Carvalho, Francisco de Souza, Antonio de Almeida, Benjamim Carvalho, Antonio da Silva Peneda, Aleixo Lago, Manoel Campanha, Bernardo S. de Azevedo, Antonio Varanda, Manoel Maria, José Carlos da Cunha, José Pacheco, José Marques, Antonio Barreiro, Joaquim Maria, Carlos José Gomes, Antonio Morgado, Manoel Pereira dos Santos, Luiz Vaiano, Antonio Novaes Tavares, **cada um 1$**. Somma: **24$.**

Officina de Loureiro (antiga Miragaya):

Officina da rua da Paz:

Manoel Barreiro, Maxemino Lopes, Leopoldo Cotta, Francisco de Castro, Maxemino Portella, Antonio Lemos, Manoel Iglezias José Soares, Camillo Coita, Jesus Ogando, Lizardo Dorval, José Teixeira Manoel Soydão, José Doval, Manoel Pardo, Erondim Fortes, Francisco Caramêz Augusto Rodrigues, Candido Cordeiro Silverio Rodrigues, Manoel Martins, Jesus Cendão, Valentim Soydão, **cada um 1$000**. Somma: **23$000.**

Officina de Norberto (Piedade):

Augusto Alves Pereira, Albino Ferreira Martins, Albino Francisco da Hora, Justino Esteves, Candido Fontella, Manoel Ferreira de Menezes, Antonio Cardoso, Delphim José da Silva, Delphim Rebello, José Maria Vidal, **cada um 1$000.** Somma: **10$000.**

Joaquim Peneda, Manoel da Silva Tavares, Manoel de Souza Moreira, Joaquim Ferreira da Silva, Belmiro da Silva, Manoel Ferreira Langra, José Alves, Ernesto Arthur Fellippe, Joaquim Lopes, Joaquim dos Santos Coimbra, José Ventura da Cruz, Antonio José Mendes, Manoel Ferreira Gonçalves, Manoel de Souza Baptista 2º, José Hypolito da Silva, Antonio da Silva Ferreira, Joaquim da Fonte, Domingos Martins Pena, Manoel Edreira, Antonio Ferreira da Silva, Aquillino Fraga, Antonio José Carneiro, Victorino Pereira Reis, Bernardino Cardoso, Manoel Pereira Vinhas, **cada um 1$000**. Somma: **28$000.**

Officina de Christovão & Andrada:

Antonio Francisco de Souza, Joaquim da Silva Ribeiro, Antonio Affonso Pinto, José Francisco, Joaquim Francisco Peito, Manoel Francisco da Silva, José Pereira da Costa, **cada um 1$000**. Somma: **7$000.**

Officina da rua Alice:

Lauriano Quinteiro, Avelino da Silva Peneda, Antonio da Silva Carvalho, Manoel Gomes Pinheiro, Manoel Meixão Ogando, Victorino Teixeira, José Ferreira, José Ferreira Ribeiro, **cada um 1$000.** Somma: **7$000.**

Officina da rua do Uruguay:

Antonio Martins Bullas, Francisco Borges de Freitas, José de Annunciação Bartolomeu Alexandre da Silva, Antonio Affonso Justino Lourenço, David Joaquim Alves. Joaquim Gomes André Alves Boião, Manoel da Silva Araujo, Avelino da Silva Mendonça, **cada um 1$000.** Somma: **11$000.**

Officina cooperativa da rua do Bom Pastor:

Alfredo Paschoal José Correia, José Rodrigues, João Pessoa, Jacintho Gomes Marques, Francisco Argibay. Antonio Valente, Antonio Augusto, Antonio Rodrigues de Souza, Antonio Romeiro, Abilio Barreiras, Manoel Ferreira Soares, Antonio Monteiro, João Ferreira, Mathias Figueiredo, Thorquato Moreira Passos, **cada um 1$000**; Augusto dos Santos, João Gomes Marques, Antonio Joaquim da Cunha, **cada um 2$000**, Somma: **22$000.**

Officina da rua dos Araujos:

José Augusto de Abreu, Emilio José Martins, José Martins, 6; Custodio Mendes, José Ferreira, **cada um 1$000**; Antonio Martins, **3$000.** Somma: **8$000.**

Officina de Icarahy (Nictheroy):

Domingos Paiva, Silvino de Barros, **cada um 1$000**; Augusto Gomes, Antonio de Resende, Balthazar Gonçalves, Bento Martins, **cada um 3$000.** Somma: **14$000.**

Officina do Moraes (Paysandú):

José Lois, José Duram, José Paz, Ignacio Insuello, Manoel Franco, Jeronymo Lourenço, José Carvalho Pinheiro, Benjamim Insuello, José Failde, José Boução, **cada um 1$000**; Manoel Ribas, **2$000**. Somma: **12$000.**

Officina de José da Silva (Paysandú):

José Ogando, Francisco Ortiz, Francisco Pereira Xavier, M. J. de Freitas, Manoel Crespo, Manoel Moitinho da Silva, **cada um 1$000.** Somma: **6$000.**

Officina de Martins (Paysandú):

Antonio da Silva, Domingos Pinto, Joaquim Ribeiro Guedes, Pedro Petrucio, Francisco Moitinho, Joaquim Caldas, Bento Andrão, **cada um 1$000**. Somma: **7$000.**

Prefeitura a cargo de Bento Rodrigues:

Antonio Pinho, **1$000**; Manoel Fontes, **1$000**; José Bouças, **3$500**; Manoel Pereira dos Santos, **3$500**. Somma: **9$000.**

Instituto da Praia Vermelha:

Nicacio Pouza, Antonio Gomes, Manoel Vasques, Demetrio Gomes, **cada um 1$000.** Somma: **4$000.**

Polyclinica ou rua do Resende:

Agostinho Ramos de Oliveira, Joaquim de Paula Santos, **cada um 1$000.** Somma: **2$000.**

Avulso ou Redacção:

Antonio Ribeiro da Costa, Manoel Braz, Antonio da Silva Lessa, Manoel Prata, Manoel Vicente Ferreira, Celestino José Carneiro, cada um 1$000; José Garrido, 1$500; José Gomes Loureiro, 2$000; Antonio Correia do Amaral, 2$500; Delphim Ferreira Fidalgo, 3$000; Manoel Joaquim de Queiroz, 3$000; José Rodrigues Martins de Araujo, 3$000; Manoel Francisco Canastra, 3$000; Antonio da Silva Couto, 2$500; Antonio Pinto Ferreira, 2$000; Manoel de Oliveira Belinhas, 3$000; Manoel de Almeida, 3$500; Domingos Ferreira Pinto, 4$000; Alberto Marques de Almeida, 4$000, Manoel Gonçalves Portella, 3$500; José de Almeida, 1$000; José Pouza, 3$500; Albino Ferreira Borges, 3$000; Antonio Marques Nogueira, 3$000; Manoel Abrantes, 1$000; Custodio Pereira Estrella, 1$000; Antonio Ferreira Patricio, 4$000; Manoel Vieira Novo, 3$000; Manoel Pereira da Silva, 3$000; Antonio Francisco da Costa, 4$000; Domingos da Silva Marques, 3$000; José Martins, 1$000; Pedro da Silva, 3$500; Antonio da Silva Rosa, 3$000; Manoel Joaquim Gomes, 3$000; Agostinho Ferreira da Costa, 1$000; Antonio Luiz Campanhã, 3$000; Manoel Marques dos Santos, 1$000; Antonio da Silva Peneda, 3$000; Boaventura Francisco Moreira, 2$500. Somma: 97$000.

Recebido como custeação:

Antonio de Souza Dias 1$, Alfredo Teixeira 500 rs., Rodrigo Pereira da Silva 500 réis, Manoel Custodio Ferreira 500 réis, Marcellino Ramos 1$, Manoel da Silva Ramalho 1$, Maximino Valladares 500 rs., Eurico Paiva 500 rs., Antonio Barão 1$, Francisco Cunha 2$, Basilio Dias 500 rs., Manoel Tatto 1$, José Pereira Capa 500 rs., Antonio Pinto Ferreira 500 rs., Jacintho Cunha 500 rs., Zulmiro Magalhães 500 rs., Antonio Nogueira 500 réis, Antonio da Cunha Gonçalves 500 rs., Gabriel Iglezias 500 rs., Antonio Bento Gomes 500 rs, Adelino de Souza 500 rs., Manoel de Souza Ferreira 500 rs., Antonio Pinto 500 rs., Guilherme Marques 500 rs., Joaquim da Silva Moreira 500 rs., José Pereira dos Santos 500 rs., Francis Pereira dos Santos 1$, Antonio da Silva Couto 500 rs., Manoel Sieiro 500 rs., José Pouza 500 rs., Silvino de Barros 1$, Americo Pinto dos Santos 1$, José Barão 500 rs., Victorino P. Reis 500 réis, José Alves Polonio 500 réis, Antonio Carvalho 500 rs., José Lopes Adão 500 réis, Luiz Manoel Pires 500 rs., Fortunato Cardoso 500 rs., José Ferreira Canastro 500 réis Joaquim da Rocha 500 rs., Affonso Gomes 1$, Raymundo Sanches 500 rs., Henrique Castanheira 500 rs., Francisco da Silva Branco 500 rs., José Antonio de Souza 1$, Manoel Baptista 4$ e Antonio Coelho 9$. Somma: **42$500.**

Somma total recebida este anno..... **724$000.**

Não podemos dar ainda o total, porque ha cartões ainda fóra da redacção em poder dos delegados, aos quaes pedimos para os entregar o mais breve possivel.

Tem ainda alguns companheiros da Ponta da Areia que pagaram, mas não o podemos apurar emquanto o companheiro Modesto Lassalla não nos entregar os recibos que estão em poder delle, pois só á face desses recibos podemos saber quaes os que pagaram ou não.

Convidamos ainda os companheiros Antonio Martins Lage e Victorino Pereira Reis a vir a esta redacção prestar alguns esclarecimentos de que necessitamos.

— Se os companheiros notar com alguma irregularidade nestes trabalhos, é um especial favor trazel-a ao nosso conhecimento, pois que ha muito tempo está só um companheiro encarregado de todos os trabalhos da redacção, e pelo acumulo de serviço que tem nada mais facil que dar-se qualquer engano.

Prevenimos aos companheiros delegados para tirar a nova collecta, que os cartões estão promptos na redacção; e avisamos os mesmos delegados que tomem bem nota dos companheiros que pagarem e darlhes o jornal, tendo em consideração que muitos têm mudado de officina, não estando mais nas officinas em que pagaram; as listas acima servem para regulamento dos delegados, nesse sentido.

Todos os companheiros que estão mencionados nas listas acima e que assignaram 2$ ou 3$ ou d'ahi para cima, estão isentos de pagar a collecta de setembro; para esse fim os companheiros delegados devem ter em vista bem o presente numero do jornal, para não ter equivocos, nem exigir a subscripção a quem não competir por ter pago.

Todos os demais companheiros devem assignar, pois que assim foi resolvido em assembléa geral.

raçoes adultos! Nós respiravamos o mesmo ambiente, abrigava-nos o mesmo tecto, sorriamos ambos e ambos brincavamos quando a aula nos deixava algumas horas livres! Que doce encanto tinha, então, para nós as mimosas flores desse jardim! que lindissimas paizagens se desenrolavam, então, diante de nossos olhos, aonde reflectia a innocencia de nossas almas! E, todavia dizes que devia ter esquecido esse tempo. Ousas dizer que te esqueça, e tu mesma ainda não me has olvidado. Oh! cómo és ingrata! Terrivel ingratidão de irmã para irmão! Ah! querida Albertina! amei-te desde o sorrir da infancia, ainda te amo e amar-te-hei sempre! E que queres tú? que fuja de ti? que te esqueça? impossivel!

Alice exprimia os seus pensamentos com todos os signaes de uma paixão profunda e, ao proferir estas palavras cahiu de joelhos pela segunda vez diante da filha do burguez, e pegando-lhe da mão encheu-a de sofregos beijos.

A joven menina estremeceu ao contacto d'aquelles beijos, mas não teve forças para retirar a mão que se achava presa pelas caricias d'aquelle macebo, a cuja formosura não podia resistir. Conhecia que elle lhe consagrava um affecto não vulgar, e temia magoar seu coração com uma negativa formal ao seu amor; queria tel-o junto de si, e queria vel-o ausente! Nem ella mesma sabia o que queria. Alguma coisa se revolvia em seu espirito de terrivel, que lhe segredava que nunca deveria amar um operario, um desherdado. Mas, oh! fatalidade bastava fixal-o uma vez para não poder deixar de o amar! Aquelles olhos de uma fascinação inaudita, aquella testa espaçosa de verdadeiro artista, inspiravam uma sympathia rara em todos os corações.

A jóven, pois, não tendo forças para retirar aquella mão que o operario apertava nas suas com doce caricia, disse:

— Alice, Alice! Eu não posso consagrar-te o amor que tu me pedes! Eu não posso amar-te! Pela memoria de teu santo pae, tu não voltes aqui, abandona-me, foge!

— E' impossivel, querida Albertina! Amo-te, e amo-te do fundo do coração! Peça-me antes a minha mórte do que o abandono!

— Alice! Escuta. Desconheces o genio terrivel de meu pae?... A que terriveis consequencias nos expomos, meu Deus! Pois não vês que póde despedir-te da fabrica, e actualmente poucas ha desta industria nó Porto?!

— E' verdade, querida Albertina, mas eu serei feliz em toda a parte, amando-te! Pensarás acaso que o amor que te consagro é uma chimera?!

— Mas, meu pae nunca consentirá no nosso enlace, e este amor será uma perene désgraça para nós ambos!

— Enganas te, meu anjo; o amor verdadeiro é o unico ponto aonde os mortaes podem encontrar felicidade. Todos os martyrios ou subterfugios que teu pae empregar para nos desviar, não servirão mais do que para unir-nos mais estreitamente neste sacratissimo laço!

— Alice, Alice! Eu não posso mais; eu não te amo! A sociedade em que vivo prohibe-me de te consagrar o amor que me pedes!

E ao proferir estas duras palavras, Albertina escondeu o rosto entre as mãos. O mancebo, até então prostrado aos seus pés, ergueu-se de subito, e, como que ferido em pleno peito, levantou o rosto com altivez e disse numa voz repassada de amargura: